

Babbel & TransEmpregos:

Orientações para a **inclusão** **linguística de** **pessoas trans**



+Babbel



Autora

Dr^a. Carmen Rosa Caldas-Coulthard
(*Universidade Federal de Santa Catarina/ Universidade de Birmingham*)

Gerente de Projeto

Julie Krauniski (Babbel)

Editor

Vitor Shereiber (Babbel)

Revisão

Camila Rocha Irmer (Babbel)

Realização

Babbel, o aplicativo de idiomas líder na Europa

Parceria

TransEmpregos, o maior banco de currículos e vagas para pessoas trans do Brasil

1 edição
Outubro de 2020
Berlim, Santa Catarina, São Paulo

01

Introdução: como nos comunicamos

02

A linguagem pode machucar: conceito de 'sexismo linguístico'

03

Examinando a linguagem: o gênero gramatical

04

Identidades: definindo os termos

05

A engenharia linguística

06

O movimento trans

07

Recomendações linguísticas para mulheres trans e homens trans

08

Recomendações linguísticas para pessoas não-binárias

09

Conclusões

10

Bibliografia

Dra. Carmen Rosa Caldas-Coulthard
para Babbel e TransEmpregos

O propósito deste pequeno guia é o de apresentar recomendações de como devemos nos comunicar com e sobre pessoas transgênero (travestis, mulheres trans, homens trans e pessoas não-binárias). Para tal, algumas explicações sobre comunicação e sistemas linguísticos são necessárias e extremamente importantes. Este guia também apresenta exemplos de como melhorar as interações com a comunidade trans, considerando que cada pessoa é diferente da outra e tem os mesmos direitos nos círculos sociais em que transita.

01

Introdução

Como nos comunicamos

A linguagem, por ser um sistema simbólico, está profundamente arraigada em estruturas sociais.

Quando nos comunicamos pela fala, pela escrita ou por gestos, usamos recursos de nossos próprios corpos e do ambiente onde estamos para mandarmos mensagens. Um aspecto importante da comunicação (ou o que especialistas da linguagem chamam de ‘formas de discurso’) é que, por contextos culturais e situacionais, refletimos em interações valores de criação, crenças e ideologias.

Também nos comunicamos pelas maneiras como escolhemos nos vestir, nos enfeitar, cortar os cabelos e até em formas de andar. (Pense nos significados de um soldado andando, de uma pessoa caminhando e de uma modelo desfilando.) Na verdade, participantes de qualquer interação retiram informações de todos estes aspectos identitários e respondem a eles linguisticamente. A linguagem, dessa maneira, é um dos mais importantes modos de comunicação e desempenha um papel muito importante. Por ser um sistema simbólico, está profundamente arraigado em estruturas sociais. Identidades são construídas através das maneiras pelas quais nos comunicamos. A linguagem ou as formas de discurso não só refletem como também enfatizam as relações entre pessoas. Assim, nossas identidades dependem da

maneira como interagimos com quem socializamos. Isso está extremamente ligado às nossas maneiras de ‘ser’ – nacionalidade, profissão, idade, sexo, religião, gênero social e relações sociais. Podemos dizer que por causa de diversos usos de linguagem, temos identidades múltiplas. Usamos, por exemplo, formas linguísticas diversas quando interagimos com crianças ou com pessoas hierarquicamente superiores. Podemos assegurar, assim, que a linguagem e a comunicação nunca são neutras. Sempre que nos comunicamos, tanto pela fala como pela escrita, adotamos uma perspectiva ou um ponto de vista. Esta ‘perspectiva’ assinala nossa visão de mundo e conseqüentemente nosso posicionamento social e ideológico.

02

A linguagem pode machucar

conceito de 'sexismo linguístico'

Grupos minorizados ainda são silenciados em muitos âmbitos sociais. Escolhas linguísticas usadas para se referir a esses grupos muitas vezes apontam processos excludentes.

Vivemos em sociedades discriminatórias, em que certos grupos de pessoas, especialmente grupos minorizados, como mulheres, pessoas racializadas¹ e pessoas LGBTQ+ são excluídas – não só de práticas sociais, mas também de representações artísticas e midiáticas. Homens brancos historicamente concentram o poder – recebem tratamentos especiais em quase todas as instituições públicas e privadas, assim como desfrutam de acesso indiscriminado à ‘fala’. Grupos minorizados, por outro lado, ainda é silenciada em muitos âmbitos sociais. Escolhas linguísticas usadas em relação a estas pessoas muitas vezes apontam para processos excludentes. Por exemplo, quando mulheres escutam a frase **‘Isso é coisa de mulherzinha’** ou pessoas trans se confrontam com **‘Você nasceu homem e vai morrer homem’**, a ofensa está estabelecida pelo que foi dito. Assim, a linguagem pode ser uma arma e machucar profundamente. É através dela que estereótipos e relações assimétricas são construídas. Frases como **‘A ministra é muito inteligente, apesar de ser mulher’**, **‘Olha ali o traveção’** ou **‘O lugar da mulher é na cozinha’** conceptualizam o papel das pessoas referidas como hierarquicamente inferiores. E isto é sexismo.

¹ Mulheres e pessoas racializadas são maioria em termos de números, mas minoria em termos de direitos, inclusão e relações de poder.

03

Examinando a linguagem

O gênero gramatical

É importante entender a interação entre pessoas como 'atos de identidade' e ter consciência da importância do papel desempenhado pela linguagem em qualquer relação humana.

É importante mencionar algumas noções linguísticas para entender como as divisões sociais acontecem por meio do uso da linguagem.

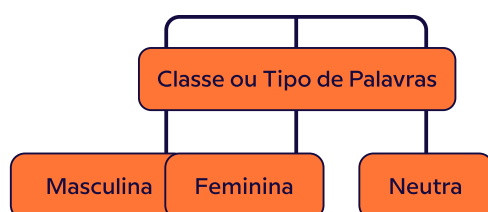
Aproximadamente, um quarto das línguas do mundo divide substantivos em duas ou mais subclasses, geralmente diferenciadas por inflexões (singular, plural, feminino, masculino), pelos pronomes (eu, ele, o, a, seu, sua, meu, minha, este, esta) e pelas formas do adjetivo acompanhante do nome ('a menina é *estudiosa*').

A palavra 'gênero', usada primeiramente pelo gramático grego Protágoras no século 50 AC, deriva-se de uma palavra que significava 'classe' ou 'tipo'. Protágoras, no entanto, depois de criar suas subclasses de acordo com o final das palavras (o, a, e), denominou-as de 'masculina', 'feminina' e 'neutra', e a palavra 'gênero' passou a significar 'classes relacionadas a sexo'. Apesar dos esforços de Protágoras e seus sucessores, 'gênero' permanece uma divisão da classe gramatical dos substantivos feita de acordo com critérios inflexionais e não biológicos, tanto que 'ponte', 'mesa', 'cidade', etc... não têm sexo, mas têm gênero gramatical feminino. 'Dentista', no entanto, apesar de terminar em 'a', pode

nomear tanto um homem (o dentista), como uma mulher (a dentista).

Assim, o francês, o português, o espanhol e o italiano têm gêneros gramaticais masculinos e femininos. O latim e o alemão têm um terceiro: o neutro. Também nessas línguas nem sempre há correspondência entre o sexo e o gênero do substantivo denominante. Por exemplo: "garota" (Mädchen) é neutro em alemão, 'criança' é feminino em português; em francês, a palavra 'médico' é masculina, mas obviamente nem todos os 'docteurs' são homens. Um caso especial de masculino como forma não marcada (ou de referência genérica) em português é o uso da palavra 'homem' para significar a 'raça humana'. Essa frase, de fato, exemplifica o sistema de primazia do masculino. Outro exemplo são os pares de palavras de gêneros diversos que se referem aos mesmos papéis quando colocados juntos – pai e mãe, filho e filha, rei e rainha. A mulher, infelizmente, vem sempre depois do homem.

As crianças brasileiras aprendem o conceito de '*gênero gramatical*' muito cedo na escola e se tornam conscientes da divisão social binária. Num sistema gramatical como o português – que requer que falantes escolham uma forma



diferente de pronome dependendo do gênero do substantivo – surge o problema de como se referir a um grupo misto constituído de pessoas de ambos os gêneros. Gramaticalmente, dar prioridade a um gênero é obviamente mais simples. Isso pode não ser importante quando falamos de carros e bicicletas, mas, quando falamos de milhões de mulheres e pessoas LGBTQ+, esta escolha pode ser interpretada como discriminatória. Olhe, por exemplo, qualquer texto de mídia escrita para constatar essa prática linguística constante – na referência ao conjunto de membros do senado, somente a forma masculina é citada – ‘Os senadores votarão a emenda hoje’. Um outro exemplo é a palavra ‘pais’ que inclui no seu significado em português ‘pai’ e ‘mãe’.

A categorização de substantivos em termos de *gênero gramatical* parece a princípio não ser importante. No entanto, um sistema gramatical de uma

língua levanta questões sociopolíticas muito sérias, já que a prática social dá prioridade, em termos linguísticos, não simplesmente a uma subclasse de substantivos, mas também a um gênero social. É importante, portanto, entendermos a interação entre pessoas como ‘atos de identidade’ e termos consciência do papel desempenhado pela linguagem em qualquer relação humana.

04

Identities

Definindo os termos

- ✔ **'Sexo'** é a característica biológica que diferencia sistemas reprodutivos.
- ✔ **'Gênero social ou cultural'** é a construção socialmente definida atribuída ao sexo. Gênero cultural é o conjunto de atributos sociais, políticos e culturais de cada sexo biológico. Assim, características atribuídas a mulheres e homens, como 'submissão', 'força', 'dependência', 'independência', são construções culturais e históricas e variam de acordo com as diferentes épocas e contextos sociais.
- ✔ A **'identidade de gênero'** relaciona-se ao gênero cultural com o qual uma pessoa se identifica. É independente do sexo (ou seja, das características biológicas), e está ligada à identificação de uma pessoa com o gênero masculino, feminino, com ambos ou ainda com nenhum deles. Algumas pessoas, no entanto, se identificam com um gênero diferente do que é imposto a elas em função de seu sexo biológico e assim enfrentam muitos problemas, inclusive linguísticos.
- ✔ A **sexualidade** tem a ver com a orientação sexual de uma pessoa, ou seja, por quem essa pessoa sente atração sexual ou romântica. Algumas das categorias atribuídas à sexualidade são: heterossexualidade (pessoa que sente atração por pessoas do gênero oposto); homossexualidade (pessoa que sente atração por pessoas do mesmo gênero); bissexualidade (pessoa que sente atração por pessoas dos dois gêneros) ou assexualidade (pessoa que sente pouco ou nenhuma atração sexual, ainda que possa sentir atração romântica).
- ✔ A categoria da transexualidade (transgêneros) refere-se a pessoas que não se identificam com seu sexo biológico ou com os padrões culturais/estéticos impostos ao seu sexo biológico. Um **'homem trans'** é aquele que foi identificado como mulher ao nascer e passou a se reconhecer como homem; a **'mulher trans'** é aquela que foi designada homem ao nascer, mas se identifica como uma mulher. Há também quem não se identifique com nenhum gênero especificamente, ou seja, não se identifique nem como homem nem como mulher. Como na gramática de Protágoras, o conceito de gênero 'neutro' é retomado por essas pessoas, denominadas **'não binárias'**.
- ✔ As siglas mais usadas para a orientação sexual e/ou identidade de gênero são **LGBT+**
 - L:** Lésbicas
 - G:** Gays
 - B:** Bissexuais
 - T:** Transgêneros
 - +**: Sinal utilizado para incluir pessoas que não se sintam representadas por nenhuma das outras letras.

05

A engenharia linguística

A opressão de gênero não é simplesmente refletida na linguagem, mas é também um resultado dela.

Nas sociedades ocidentais patriarcais, o sexo masculino é o prioritário e as questões relacionadas com a gramática e a linguagem, por serem as mais evidentes, foram as primeiras a serem levantadas pelas estudiosas feministas da comunicação que se preocupavam com as causas da opressão feminina.

A opressão de gênero não é simplesmente refletida na linguagem, mas é também um resultado dela. Grupo minorizados são excluídas de textos e de práticas sociais, pois a linguagem assim as assinala – todas as referências gerais não incluem o gênero gramatical feminino e o masculino é a norma.

O movimento de **engenharia ou reforma linguística** foi quando as mulheres saíram em campo para investigar como eram marcadas inferiormente em termos de linguagem. O código como sistema, portanto, passou a ser revisto. Hoje em dia, está comprovado que a linguagem ajuda a definir, depreciar e excluir linguisticamente as mulheres e outros grupos historicamente oprimidos. Assim nasceu o movimento que começou a resgatar os códigos linguísticos por meio da mudança. Experimentos com formas alternativas (lexicais, o uso dos pronomes e a questão da nomeação,

etc...) foram lançados.

É interessante notar que hoje em dia, em países de língua inglesa, as mudanças estritamente linguísticas apontadas pelas estudiosas estão largamente assimiladas e o código foi readaptado levando-se em consideração as questões levantadas. Na verdade, o movimento hoje tão erroneamente interpretado como 'politicamente correto' é consequência desta época. No Brasil, as mudanças propostas pela *engenharia linguística* estão pouco a pouco se tornando realidade – há mais asserções como 'brasileiras e brasileiros' e há um princípio de visibilidade textual acontecendo.

O movimento trans

Novas formas linguísticas estão sendo sugeridas para que as pessoas com diversas identidades de gênero sejam incluídas e reconhecidas. O ativismo trans reconhece que a linguagem por si só é um meio de opressão e que só uma intervenção pode levar a mudanças sociais.

Transfobia, como sabemos, é uma prática danosa que custa sofrimento e até mesmo vidas.¹

Nas últimas duas décadas, novos grupos², com bandeiras de luta prioritariamente focadas no segmento trans, passaram a se movimentar com o objetivo principal de promover a cidadania, de combater a discriminação e o preconceito e afirmar a livre orientação sexual e identidades de gênero. Baseando-se no movimento das mulheres, que introduziu a 'engenharia linguística' em suas lutas por igualdade, o ativismo da comunidade trans se debruça na insuficiência linguística para reafirmar suas experiências de vida. Novas formas linguísticas estão sendo sugeridas para que as pessoas com diversas identidades de gênero sejam incluídas e reconhecidas.

Assim como para as mulheres das primeiras fases do movimento feminista, o ativismo trans reconhece que a linguagem é um meio de opressão e que só um intervencionismo pode levar a mudanças sociais.

1 "A **Transfobia** é uma gama de atitudes, sentimentos ou ações negativas, discriminatórias ou preconceituosas contra pessoas Transgênero, ou pessoas percebidas como tal. A **Transfobia** pode ser repulsa emocional, medo, violência, raiva ou desconforto sentidos ou expressos em relação a pessoas Transgênero." Lino, Freitas, Badaró e Amaral. <https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/o-movimento-de-travestis-e-Transsexuais-construindo-o-passado-e-tecendo-presentes.pdf>

2 O MOVIMENTO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: CONSTRUINDO O PASSADO E TECENDO PRESENTES <https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/o-movimento-de-travestis-e-Transsexuais-construindo-o-passado-e-tecendo-presentes.pdf>

Recomendações linguísticas para mulheres trans e homens trans

A tentativa da comunidade trans de transformar o código linguístico é válida, como demonstra a experiência do feminismo que conseguiu promover mudanças na linguagem, causando uma maior conscientização do papel da mulher na sociedade.

Assim como a gramática de uma língua impõe regras que falantes seguem (ou não), as recomendações aqui apresentadas são normativas e prescritivas. Contudo, por meio de regras prescritivas é possível gerar debates e promover mudanças sociais além da linguagem. Muitas pessoas, por exemplo, concordam em chamar Dilma de **Presidenta** – forma, no entanto, popularmente muito rejeitada, pois em princípio o substantivo “presidente” pode ser usado com pessoas de qualquer gênero, como no caso de “o/a estudante”. Vale ressaltar que ambas as opções são gramaticalmente corretas.

7.1 A questão do nome social:

O primeiro ato do reconhecimento de uma identidade de gênero trans é o de aceitar o nome social escolhido por esta pessoa. Então, no primeiro contato feito com uma pessoa trans, é imprescindível que se pergunte: Qual é o seu nome ou o nome que prefere ser usado (mesmo que o nome da pessoa não tenha sido retificado em documentos oficiais). Adote este nome para todas as interações com esta pessoa, inclusive as escritas e digitais.

7.2 A mulher trans deve ser chamada e tratada por escolhas gramaticais e pela nomeação (escolhas lexicais – substantivos, pronomes, adjetivos e advérbios) que remetem ao feminino (ela, sua, aquela, muita, pouca, mulher, acadêmica, médica, madura, bonita, etc... e seus correspondentes no plural).

7.3 O homem trans deve ser chamado e tratado pelas escolhas gramaticais e pela nomeação (escolhas lexicais – substantivos, pronomes, adjetivos e advérbios) que remetem ao masculino (ele, seu, aquele, muito, pouco, homem, acadêmico, médico, maduro, bonito, etc... e seus correspondentes no plural).

7.4 Quando usamos ‘palavras’ para descrever pessoas não binárias, ou ainda para nos referirmos a grupos de modo a abarcar todos os gêneros, uma das estratégias aceitas é a de substituir palavras claramente marcadas como masculinas ou femininas por palavras neutras ou ambíguas:

No lugar de “homem” ou “mulher” – “pessoa”; “gente”, “colega”, “alguém”, “contato”, “público”, “sujeito”, “humanidade” ou palavras que terminam em ‘e’ - “docente”, “estudante”, “integrante”.

7.5 Nunca se deve perguntar sobre o sexo anatômico de uma pessoa trans e não se deve fazer questões relativas à cirurgia de afirmação de sexo. Há grande variedade entre pessoas trans e nem todas se submetem à cirurgia por diversas razões. Indagar a uma pessoa trans se ela fez ou não cirurgia é um ato muito invasivo e desrespeitoso. Além disso, assim como não se fazem perguntas íntimas a um homem ou a uma mulher no ambiente de trabalho, também não deve haver preocupações sobre a genitália de pessoas trans.

Algumas recomendações linguísticas para pessoas não-binárias

(Estas recomendações são adaptadas e resumidas do “Guia-para-a-linguagem-oral-não-binária-ou-neutra” de Lobo e Gaia (2015)¹.

¹ Para o guia completo, visite: <https://felicidad.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra/>

8.1 Sistema Gramatical

I) Sistema el, .

Pronomes: -el, els, del, dels, nel, nels, aquel e aquels.

O Sistema El surgiu pela simples deleção da vogal marcadora de gênero no final dos pronomes.

Substituição dos pronomes pessoais “ela(s)” ou “ele(s)” pelos pronomes não-binários “el(s)”.

Pronomes pessoais de 3ª pessoa: El (no singular) e Els (no plural).

Exemplos de uso:

- Ela foi ao cinema. —> El foi ao cinema.
- Eles são amigos—> Els são amigues.

Substituição dos pronomes possessivos “dela(s)” ou “dele(s)” pelos pronomes não-binários “del(s)”.

Exemplos de uso:

- O gato entrou no carro dele. —> O gato entrou no carro del.

II) Sistema -s

Uso da vogal “e” ao invés de “o” ou “a” no final de palavras como adjetivos.

Exemplos de uso:

- Lindo(a) = linde
- querido(a) = queride
- todos(as) = todes

Outra alternativa é deixar de pronunciar as vogais que demarcam gênero gramatical ou então colocar um “s” no

final depois de retirar a vogal. Pode-se ainda fazer outras modificações, como em “bonitin” e “fofis”.

Exemplos:

- lind, linds
- amig, amigs
- bonit, bonits
- tods.

No caso de palavras que terminam em “-r” no masculino e “-ra” no feminino (professor/professora) e que no plural fica “-res” ou “-ras” (professores/professoras), adiciona-se “-re” no final da palavra no singular e, para o plural, adiciona-se “-ries”.

Exemplos de uso:

- Professor —> Professore.
- Professores —> Professories.
- Trabalhador —> Trabalhadore.
- Trabalhadores —> Trabalhadories.

III) Quando necessário, substituição dos numerais “um”, “uma” e “dois”, “duas” pelos numerais não-binários “ume” e “dues”. Outra alternativa é optar sempre pelo numeral feminino.

Exemplos de uso:

- Ali tem uma menina. —> Ali tem ume menine. / Ali tem uma menine.
- Chegaram as minhas duas queridas. —> Chegaram minhes dues querides. / Chegaram minhes duas querides.
- Isso depende de cada um de nós. —> Isso depende de cada ume de nós. / Isso depende de cada uma de nós.

8.2 Reformulação de frases

I) Referência a partes do corpo de uma pessoa ao invés de se referir diretamente à pessoa.

Exemplos de uso:

- Você é lindo. —> Seu corpo é lindo. / Sua aparência é linda.
- As formigas me picaram toda. —> As formigas picaram a minha perna toda.

II) Supressão de artigos e pronomes.

Exemplos de uso:

- A Ariel saiu de casa com a Cameron. —> Ariel saiu de casa com Cameron.
- Logo, ela explicará seus motivos. —> Logo, explicará seus motivos. / Logo, tal pessoa explicará seus motivos.

IV) Uso de alternativas como “de” (ao invés de “da” ou “do”) e “lhe” (ao invés de “a” ou “o”).

Exemplos de uso:

- Essa carteira é da Cameron. —> Essa carteira é de Cameron.
- Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a ela. —> Se eu quisesse ficar com Ariel, teria lhe dito.

V) Uso de voz passiva, gerúndio e outras mudanças na estrutura das frases.

Exemplos de uso:

- Todos os trabalhadores poderão ir

ao jantar com suas esposas. —> O pessoal poderá ir acompanhado.

- Os estudantes não poderão receber visitas femininas nos dormitórios. —> Não se permitem visitas nos dormitórios.

VI) Uso da preposição “por” no lugar de “pelo” ou “pela”.

Exemplos de uso:

- A notícia referida pela Ariel é esta. —> A notícia referida por Ariel é esta.

VII) Sempre usar a preposição essencial “a” e nunca “ao”.

Exemplos de uso:

- Vou entregar isto ao Cameron. —> Vou entregar isto a Cameron.

A **BBC britânica**, por exemplo, já está encorajando as pessoas de sua equipe a indicar explicitamente em sua assinatura de e-mail por qual pronome querem que lhe escrevam, p. ex., *Hugh Edward*, (*he/him*). Sam Smith, intérprete vocal de origem inglesa, anunciou publicamente que responderá ao pronome pessoal plural – *Sam Smith* (*they/them*).¹

¹ Daily Mail On Line, 13/9/2019

<https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-7461739/Sam-Smith-breaks-silence-wanting-use-pronouns.html>

09

Conclusões

O uso da linguagem é um ato de identidade e de poder. Usa-se diferentes tipos de linguagem para marcar não só classe sociais, raça, pertencimento a grupos específicos, mas também identidades de gênero. O grande problema dos grupos minorizados é, no entanto, a 'inacessibilidade' ao poder. Não há dúvida que os homens brancos e heterossexuais ainda são os guardiões da linguagem: são os editores, os diretores de meios de comunicação e empresas de grande porte, políticos etc. As posições de poder são um problema político, ainda não totalmente desconstruído.

Para pessoas trans – que geralmente ocupam posições marginalizadas nas relações de poder – a consciência linguística é, portanto, uma forma de resistência e empoderamento. E é preciso salientar que as identidades de gênero não têm nada a ver com competências profissionais. Valorização pessoal e profissional tem de ser atribuída por competências e habilidades sociais.

Apesar dos avanços, muito ainda tem que ser feito em relação às formas de representação desses grupos, principalmente em discursos institucionais.

É preciso ter mais conscientização para uma mudança social. A mudança de práticas linguísticas pode resultar em visibilidade, inclusão e respeito.

Bibliografia

- Bem, S.** (1993:2) *The Lenses of Gender: Transforming the Debate on Sexual Inequality*, New Haven: Yale University Press.
- Bergvall, V.L., Bing J.M. e Freed, A.F** (1996) *Rethinking Language and Gender Research*, Londres: Longman.
- Borba, R.** (2016) 'A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais'. *Cadernos Pagu*, pp. 441-473.
- Borba, R.** (2014) *O (des) aprendizado de si: transexualidades, interação e cuidado em saúde*. Rio: Editora Fiocruz.
- Borba, R. e Ostermann, A.C** (2008) 'Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical'. *Revista Estudos Feministas* 16 (2), 409-432
- Borba, R. e Ostermann, A.C** (2007) 'Do bodies matter? Travestis' embodiment of (trans) gender identity through the manipulation of the Brazilian Portuguese grammatical gender system'. *Gender & Language* 1 (1).
- Caldas-Coulthard, C.R.** (2020) *Innovations and Challenges in Applied Linguistics: Women, Language and Gender*. Londres: Routledge.
- Caldas-Coulthard, C.R.** (1996b) 'Women who pay for sex. And enjoy it.' *Transgression versus morality in Women's Magazines'*, em C. R. Caldas-Coulthard e M. Coulthard, pp.248/268.
- Caldas-Coulthard, C.R e Coulthard, M.** (1996) *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*, Londres: Routledge.
- Cameron, D.** (1996 a) *Verbal Hygiene*, Londres: Routledge.
- Cameron, D.** (1996b) 'The language and gender interface: challenging co-optation', em V. L. Bergvall et al, pp. 31/53.
- Cameron, D.** (1985) *Feminism and Linguistic Theory*, Londres: Macmillan, 1985.
- Cameron, D. (ed.)** (1990) *The Feminist Critic of Language, a Reader*, Londres: Routledge.
- Cameron, D e Kulik, D.** (2004) *Language and Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CATRACA LIVRE. Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo: 1 a cada 19 horas, maio 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- CORREIO BRAZILIENSE. Em 2018, 153 pessoas LGBTi já foram mortas no Brasil vítimas de preconceito, maio 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/17/interna-brasil,681236/em-2018-153-pessoas-lgbti-foram-mortas-no-brasil-vitimas-de-preconceito.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2020.
- Coates, J. e Cameron, D.** (eds.) (1988) *Women in their Speech Communities: New Perspectives on Language and Sex*, Londres: Longman.
- Coates J.** (1986) *Women, Men and Language*, Londres: Longman.
- Coulthard, M.** (1991) *Linguagem e Sexo (tradução de C.R.Caldas-Coulthard)*, São Paulo: Editora Ática.
- Graddol, D. e Swan, J.** (1991) *Gender Voices*, Oxford: Basil Blackwell.
- Gray, J.** (1992) *Men are from Mars, Women are from Venus*, Londres: Harper Collins.
- Guerreiro Felicia O guia Para a Linguagem Oral Não-binária ou Neutra
<https://felicciagd.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra>. Acessado em 25/8/2020
- Hall, K. e Bucholtz, M. (eds.)** (1995) *Gender Articulated*, Londres: Routledge.
- Kramarae C.** (1981) *Women and Men Speaking: Frameworks for Analysis*, Rowley, Mass: Newbury House.
- Lino, Tayane Rogéria, Freitas, Rafaela Vasconcelos, Badaró, Jane; Amaral, Julião, Gonçalves O movimento de travestis e transexuais: construindo o passado e tecendo presentes
<https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/o-movimento-de-travestis-e-Transexuais-construindo-o-passado-e-tecendo-presentes.pdf> acessado em 4/9/2020
- Stryker, Susan, Currah, Paisley and More, Lisa Jean** (2008) 'Introduction: Trans-, Trans, or Transgender?' *Women's Studies Quarterly* – Vo. 36, no. ¾, p.11-22, The Feminist Press at the City University of New York.
- Zimman, Lal** (2019). *Trans identification, agency, and embodiment in discourse: The linguistic construction of gender and sex*. *International Journal of the Sociology of Language* 256(1):147-175.
- Zimman, Lal** (2018). *Pronouns and possibilities: Transgender language activism and reform*. For Netta Avineri, Robin Conley, Laura R. Graham, Eric Johnson & Jonathan Rosa, *Language and Social Justice: Case Studies on Communication & the Creation of Just Societies*, pp. 176-183. New York: Routledge.
- Zimman, Lal** (2018). *Transgender voices: Insights on identity, embodiment, and the gender of the voice*. *Language and Linguistics Compass* 12(7): e12284.